

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DE MARGARET TAIT EM DIÁLOGO
com Peter Todd, Charlotte Wells, Ute Aurand, Roberto Rossellini, Luke Fowler
Margaret Tait e Roberto Rossellini: A Brecha da Modernidade
27 e 31 de Outubro de 2026

ONE IS ONE / 1950

um filme de Margaret Tait

Realização: Margaret Tait / Assistência de Realização: Fernando Birri / Fotografia (16mm, preto & branco): Peter Hollander / Interpretação: Carmen Papio Birri (Raffaella), Sergio Rusconi (Carlo).

Produção: Centro Sperimentale di Cinematografia (Itália, Reino Unido) / Cópia: National Library of Scotland, em DCP, sem diálogos / Duração: 33 minutos / Estreia mundial: 1951, Reino Unido / Inédito comercialmente em Portugal / Primeiras exhibições na Cinemateca: 23 e 27 de Junho de 2026, Ciclo "Realizadoras Britânicas: do Esforço de Guerra ao Free Cinema (1940-1964).

ONE IS ONE é apresentado com VIAGGIO IN ITALIA de Roberto Rossellini ("folha" distribuída em separado).

Duração total da projecção: 119 min

Como escreveu Margaret Tait em Fevereiro de 1951 ("On Rossellini", publicado na colectânea de textos *Writings on Film*): "Perguntei a Rossellini o que ele queria dizer quando afirmam que realiza os seus filmes sem guião. Ele responde que não transcreve o seu argumento para a escrita, mas que o tem muito claro na sua cabeça. Pensa que os produtores têm as pessoas presas quando têm o guião escrito. Assim, no sentido de preservar a sua liberdade, não escreve o guião. Mas investiga o ambiente, o tipo de personagens, etc., muito cuidadosamente, diz que por vários meses. E quando as suas personagens ganham vida na sua cabeça, constrói mentalmente as sequências e a sequência das sequências, que é o seu filme. Toma um conjunto de notas sobre estes aspectos, mas nunca com grande detalhe."

Citam-se estas suas palavras, pois em **One is One** é clara a ligação que unia Tait ao cinema de Roberto Rossellini no modo como filma um casal a deambular por Roma, uma obra em que é muito claro o interesse da ainda jovem cineasta pelos ambientes e as situações reais, neste caso concreto nas ruas da cidade. **Viaggio in Italia**, filme de maturidade de Rossellini sobre a deambulação de um outro casal desavindo, é de 1954, sendo, portanto, quatro anos posterior a **One is One**, que, em 1950, marca os inícios da obra de Margaret Tait.

One is One foi rodado quando Tait ainda estudava no Centro Sperimentale di Cinematografia, em Roma, uma escola que na altura acolhia não apenas os futuros cineastas italianos, como muitos alunos estrangeiros. Percebemo-lo pelos restantes colaboradores de um filme, os seus colegas de escola, em que a assistência de realização é assegurada por Fernando Birri, que posteriormente ficaria conhecido como cineasta, mas também como ensaísta e poeta argentino, que teria uma influência determinante no cinema latino-americano, ou Peter Hollander, responsável pela cuidada fotografia a preto e branco de **One is One** (a que esta cópia digital infelizmente não faz justiça).

Tait constrói um filme inteiramente mudo, que se ancora nos movimentos dos dois namorados que, chegados à estação de comboios de Roma numa primeira visita à cidade, se separam inadvertidamente, para só mais tarde se reencontrar. Não há diálogos, nem psicologia, mas apenas uns escassos cartões introdutórios, ficando nós face a face com os movimentos e os gestos das duas personagens, que desenvolvem percursos paralelos. É por entre escadarias, pontuadas pelo clero romano, e ruínas ancestrais que encontramos a jovem protagonista, numa

deambulação exemplar de descoberta de uma realidade, que faz eco do seu estado de espírito, transformando-o.

Há planos lindíssimos que fazem sobressair a sua presença, mas também tudo o que a rodeia. Percurso diferente tem o rapaz, cujos movimentos são mais corais. Face a esta dualidade e à importância da paisagem real enquanto eco e motor do estado de espírito das personagens, as relações com **Viaggio in Italia** são evidentes, mas, como tem sido notado neste programa, **One is One** antecipa-o em vários anos. Há aqui um interesse pelo neo-realismo (que Tait acaba por recusar) e também uma recusa do argumento em prol de um “cinema atmosférico”, sem contudo abdicar da mise-en-scène. E se não se abdica de uma ideia de revelação, aqui estamos perante um cinema dotado ainda de uma certa “ingenuidade” que se acorda em pleno com os rostos dos dois “actores” que encarnam o casal de protagonistas. Roma era o símbolo de modernidade, mas o cinema também.

A qualidade de presença das coisas que será valorizada no futuro cinema de Tait, está já aqui bem presente num filme mudo, em que são evidentes tais sinais de modernidade. Há planos lindíssimos que fazem sobressair a presença da rapariga, mas também tudo o que a rodeia, ruas, casas, pedras, homens. Tait iniciaria assim um trabalho em Itália com uma componente experimental e poética muito acentuada, que se prolongaria nos anos seguintes no Reino Unido, que acompanharemos ao longo destes dias na Cinemateca. E se neste filme o texto e o som são deixados de lado, sendo substituídos pela força das imagens, nos filmes seguintes, palavras e sons conquistarão uma nova posição num cinema feito por alguém que dedicou parte da sua criatividade à escrita.

Rodado em três semanas, e completado em dois meses, a própria Tait confessaria em 1952 que embora “gostasse do filme, olhavam para ele sobretudo como um exercício. (*entrevista com Gavin Lambert, BFI, in Writings on Film*). Como escrevia Manuel S. Fonseca sobre **Viaggio in Italia** “Não há psicologia nem há romanesco: há “as coisas”. E é da da humildade das coisas e na humildade das coisas que a alma, enfim se revela. Como e se apenas por milagre.” **One is one** não tem o mesmo poder de revelação deste outro filme, que se estende das personagens ao espectador, mas a comparação é injusta, afinal Tait estava apenas a começar, mas tem a intuição do que pode o cinema.

Joana Ascensão